

Não troque o certo pelo duvidoso

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Kardecismo: não troque o certo pelo duvidoso*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/kardecismo-nao-troque-o-certo-pelo-duvidoso/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO XI – NÃO TROQUE O CERTO PELO DUVIDOSO

Neste capítulo o pastor vai desenvolver não trocar o fundamentalismo que ele professa e defende, pela Doutrina Espírita que ele combate e repudia. Entretanto, o que é certo e o que é duvidoso? Nossa percepção da plenitude da verdade ainda não está completa, já que não atingimos a perfeição moral e intelectual, mas temos um caminho a seguir, e este é o que Jesus nos legou em sua missão entre nós a quase dois mil anos, imitando seus atos, certamente chegaremos ao objetivo comum, independente da crença individual. Com este parâmetro, vamos conferir o que o pastor nos apresenta.

Bem, depois de tantas incoerências encontradas no Kardecismo, certamente está claro que você não pode ser cristão e kardecista simultaneamente. Não é possível crer na Bíblia e nos escritos de Kardec a um só tempo. Ademais, creio que provei que o Kardecismo é sofismático. Mas talvez você ainda tenha algumas dúvidas. Neste caso, não troque o certo pelo duvidoso.

Aos kardecistas e simpatizantes desse sistema infernal que, porventura, esbocem alguma dúvida, creio que posso ajudar, sugerindo as seguintes medidas:

O pastor encontrou as tais incoerências que supostamente encontrou na Codificação Espírita e nós revelamos aos leitores a sua falta de bom senso, mediante credices fundamentalistas, quando não descia mais o nível ainda a testificarmos sua má-fé. Enquanto desmistificamos suas citações desconexas, equivocadas e levianas, como probante as Escrituras que ele confrontava, fizemos a boa exegese do contexto,

com a aplicação de uma hermenêutica imparcial, procurando extrair do texto o que ele poderia oferecer. Diante deste cenário, enxergamos que a mistificação do pastor é que orientamos aos prezados leitores não trocemos estes diversos pontos duvidosos pela revelação pura e cristalina da Codificação, que nos responde a diversas questões intrínsecas da humanidade. Com isso, ele recomenda seis passos abaixo a nos recomendar não seguir o Espiritismo, mas sim, o que ele diz. Vamos ao exame mais uma vez.

A) É Preferível confiar no sangue de Jesus, a crer em reencarnação; já que, se de fato existe reencarnação, por ela passarei inevitavelmente, visto que eu não preciso crer em coisa alguma para me reencarnar. O mesmo, porém, não se dá, segundo a Bíblia, com a salvação em Cristo. De acordo com o Cristianismo bíblico, se eu não me “esconder” sob o sangue de Jesus nesta vida, serei um eterno desgraçado no além. Logo, optar pelo sangue de Cristo é uma questão de inteligência;

Nesta primeira recomendação do pastor, ele se vale da teologia do sangue de Jesus para abalizar sua salvação, mas se esquece que o caráter de julgamento não é através daqueles que acreditaram no sangue de Jesus, mas se fizeram boas obras diante de seu próximo, como bem já o demonstramos (Mt 25,31-46), utilizando a mesma Bíblia que ele se vale para combater o Espiritismo. Outrossim, entendemos que a Reencarnação é uma lei natural, ao qual Jesus alude diante de Nicodemos (Jo 3,12). Crer nela não diminui, ou aumenta as chances de uma encarnação provinda de expiações, provas ou missão, mas os nossos atos determinam o que iremos colher em vidas futuras, sabendo que poderemos colher nossas iniquidades em terceira e quartas gerações (Ex 20,5-6). A lei de causa e efeito está presente no Decálogo e desenvolveremos mais adiante este conceito resumido e nossa validação da reencarnação. Portanto, a reencarnação é um fato e nossos atos determinam o que atravessaremos nas vidas futuras, explicam as aflições e somente acreditar no sangue de Jesus sem a devida responsabilidade de nossos atos, determinará nosso destino de resgate. Vamos ao ponto seguinte.

B) Quando cremos em Cristo dentro dos moldes bíblicos (isto é, que ele é Deus; que Seu sangue purifica de todo pecado; e que Seus mandamentos estão contidos na infalível Bíblia), recebemos um gozo inexplicável (1Pe. 1:8). Não seria isto o cumprimento da promessa que Jesus nos fez, de nos dar outro Consolador (isto é, o Espírito Santo), se nEle crêssemos **segundo** as Escrituras? (Confere: Jo.7:38-39; 14: 16). João Batista recebeu o Espírito Santo antes de nascer; e por isto saltou de **alegria** no ventre de sua mãe (Lc.1:15,44). Já que nós, os cristãos bíblicos, sentimos este gozo inexplicável, não seria isto uma prova

tangível de que o Cristianismo é real e verdadeiro e que nós, cristãos bíblicos, estamos no Caminho certo?

Acerca do conceito da transubstanciação e a deidade de Jesus, já o comentamos anteriormente e biblicamente não há prova conclusiva para estes dogmas que perduram mais na imaginação do pastor, do que nos fatos. Como podemos observar, o outro Consolador prometido por Jesus (Jo 14,16) certamente viria após a sua partida, pois como o próprio Mestre aludiu, só viria o Consolador, se ele partisse e enviasse (Jo 16,7). O pastor se encontra numa sinuca de bico agora, pois a questão que ele certamente não terá resposta é que: Se Jesus prometeu o outro Consolador que era o Espírito Santo e que este paraclito só poderia vir, se Jesus partisse e o enviasse, como explicar que João Batista o recebeu (Lc 1,15-44), antes de Jesus efetivar sua missão e prometer sua vinda futura, após seu sacrifício e ressurreição? Certamente esta é uma dúvida que é perene no raciocínio do pastor e sem resposta que não existe. Quando as Escrituras se referem a um espírito santo, e não o espírito santo da trindade que animou João Batista e Daniel, entendemos que era um espírito de grande envergadura moral e não que o espírito santo da trindade que os animavam, já que no grego, quanto é citado “*pneuma hagion*”, estes vêm sem o artigo definido “*ho*” e, portanto, com um pronome indefinido que não os define como o espírito santo, mas **um espírito santo**.

Convidamos aos leitores a pensarem que este Espírito de Verdade se revelou a Kardec, apresentou o desenvolvimento das coisas vindouras que o Cristo não revelou aos apóstolos, explicou passagens ininteligíveis do Evangelhos e nos anunciou o porvir de um mundo de regeneração (Mt 19,28). Esta é a certeza que defendemos e a dúvida recaiu novamente nos argumentos do pastor que utiliza as Escrituras sem o devido exame de seu contexto, e o bom uso da boa lógica. Vamos ao ponto seguinte.

C) Para cedermos nosso corpo a um espírito que se diz, por exemplo, o da mãe de um consulente, teríamos que estar seguros de não estarmos sendo enganados. E, como vimos em 9.5, Kardec reconheceu que não é possível se certificar com precisão da identidade dos espíritos. Ora, se somarmos as proibições bíblicas à prática da mediunidade, às incertezas espíritas, porventura não chegamos ao resultado de que é preferível não nos envolvermos com isso? Alguns ex-católicos e ex-“evangélicos” respondem que nada puderam fazer, pois se tornaram médiuns antes de crerem na mediunidade. Os espíritos simplesmente se incorporaram neles sem mais nem menos. Porém, nenhum cristão verdadeiro passa por essa amarga experiência. Seja um cristão de fato e você jamais receberá espírito de “defunto”.

Como bem observamos ao pastor, da desmistificação da identidade dos espíritos

em que Kardec, em resumo, alude aos fatos materiais de sua particularidade, bem como sua linguagem e atos como comprobatórios de sua real personalidade. Neste ínterim, sabemos que o sofisma do pastor não foi capaz de resistir ao nosso exame. Na cabeça do pastor, os médiuns ficam expostos nos centros espíritos, passíveis de serem consultados por aqueles que assim desejam, o que já também o demonstramos que não é bem assim que se configuram as reuniões mediúnicas sérias que requerem discricção, estudo prévio e preparo do médium, dos dialogadores e assistentes na reunião, que no mínimo requerem três anos e meio de estudo anterior à prática mediúnica no ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) e ESMED (Estudo da Mediunidade). Certamente esta dúvida repassada pelo pastor, levam seus leitores a desacreditarem nas informações por ele retransmitidas.

Como bem salientou na exemplificação adiante, a mediunidade não é passível de proibição bíblica, uma vez que ela é inerente a uma disposição orgânica que se manifesta de diversas maneiras. Salientamos ainda, que as consultas frívolas, proibidas por Moisés, ainda vigoram, e que em nossa conclusão, o pastor delas se utiliza como prática que não existem nas casas espíritas federadas, cabendo a outras instituições o seu uso inadequado aos parâmetros da Codificação de Kardec. Concluímos que mais uma dúvida recaiu sobre os conceitos explorados pelo pastor e a certeza da prática mediúnica com estudo e responsabilidade que fundamentos na Codificação Espírita no amparo de espíritos sofredores e processos de desobsessão, na profilaxia do tratamento de distúrbios mentais e físicos. Passemos ao ponto seguinte, visando a esclarecer mais dúvidas a este respeito.

D) Ora, como posso me emocionar diante de um espírito que se diz o de minha falecida mãe, se o próprio kardecismo adverte que eu posso estar sendo enganado? Com a Bíblia garantindo que “**não é mamãe**”, e Kardec dizendo que não sabe se é ou não, será que não é mais prudente corrermos disso?

O pastor volta novamente às consultas frívolas, proibidas por Moisés, desconhece os mecanismos das reuniões mediúnicas nas casas espíritas federadas, onde o objetivo e preparo para delas fazerem parte seus participantes, levando novamente seus leitores ao erro, concomitante a um sofisma que ele mesmo criou, disseminando mais ainda a dúvida do que a certeza de que é conhecedor da Doutrina Espírita. Nem nós daremos o trabalho de argumentar novamente, o que dissemos no item anterior. Que os leitores possam ver tamanha desinformação do pastor, ante uma análise acurada dos fatos, por ele ignorados. Vamos novamente ao ponto seguinte da disseminação das dúvidas do pastor e nossas correções oportunas.

E) Não encontramos em toda a Bíblia nenhum servo de Deus incorporando as almas dos mortos. Não é isto digno de nota? (Embora saibamos, como já fiz constar em 2.2.2., § 5, que os kardecistas atribuem a mediunidade, às manifestações do Espírito Santo e dos anjos. Vimos lá que o “jornal espírita”, de junho de 1991 asseverou que “No dia de Pentecostes todos os apóstolos foram envolvidos pelos espíritos, ocorrendo a maior sessão coletiva de manifestação mediúnica na história religiosa do mundo...” [e que] “os... estudiosos irão descobrir que o Espírito Santo nada mais é que a alma dos homens que se foram...”).

Não é bem esta a história do Cristianismo primitivo, pois as manifestações mediúnicas ocorriam como profecia, dons de línguas, curas, exortações e diversas outras formas de ocorrerem, tal qual asseverou o apóstolo Paulo (1Co 14,1-39), tanto que o apóstolo João nos recomenda: **Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.** (1Jo 4,1). A igreja primitiva era permeada dos fenômenos mediúnicos que nada se referem às consultas frívolas que o pastor atribui erroneamente à prática nas casas espíritas federadas e sérias, ante uma prática completamente demonstrada na codificação, norteando o rumo certo de termos o objetivo do intercâmbio entre os planos físico e espiritual que é alcançar o atendimento a espíritos sofredores, processos de desobsessão e orientações doutrinárias, sendo todos estes fins desconhecidos pelo pastor, que distribui mais dúvidas, do que certezas que ele mesmo desconhece nas Escrituras. Vamos ao último item do pastor que irá nos apresentar uma pérola para encerramento.

F) O espírito de Moisés se comunicou com Jesus (Mt. 17:3). Os kardecistas se sevem disso para engrossar seus argumentos em defesa da mediunidade. Todavia, como Jesus é Senhor não só dos vivos, mas também dos mortos (Rm 14:9), esse argumento é pobre. Os mortos, especialmente os salvos, podem ter livre acesso a Cristo, já que são seus servos. Além disso, nem tudo que Cristo fez e faz, nós podemos fazer também. Por exemplo, Ele aceita adoração (Mt. 8:2; 28:9,17; Hb. 1:6). Somos nós também dignos de sermos adorados? Pensem nisso os sinceros!

No encerramento deste capítulo, o pastor entende que a transfiguração de Jesus no Tabor (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36), na presença dos apóstolos Pedro, João e Tiago não abona as comunicações entre os planos físico e espiritual de forma séria, tal qual ocorre nas casas espíritas. O que entendemos que os judeus, ante ao rigor de sua lei na Torah, encontrariam neste evento, algo a recriminar no Mestre, tanto que o próprio Jesus pede sigilo aos seus escolhidos que presenciaram o evento, uma vez que poderia

ter sido utilizado pelos fariseus e escribas na condenação do dele (Mt 17,9). Logo, se Jesus é senhor de vivos e mortos (Rm 14,9), nada mais justo de que ele mesmo desse o exemplo de como proceder na comunicação entre vivos e mortos, mas mortos segundo a carne, pois como espíritos somos imortais.

O pastor agora nos dará uma pérola, que é a de que ele diz que “**nem tudo que Cristo fez e faz, nós podemos fazer também**”, mas a Bíblia nos diz o oposto que, segundo Jesus, “**Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.**” (Jo 14,12). Como podemos observar caro leitor, o pastor não foi muito feliz em sua citação que nem tudo o que Jesus fez, podemos fazer, uma vez que o próprio Jesus diz diametralmente o oposto! Recomendamos, não troque o duvidoso argumento do pastor pela certeza da Codificação Espírita. Vamos adiante no raciocínio, pois o pastor vai se justificar que Jesus aceita adoração (Mt. 8,2; 28,9, Mt, 28,17; Hb 1,6) e que nós não poderíamos ser adorados?

A nossa resposta será em desmistificar de que Jesus aderiu ao critério de ser adorado que no primeiro contexto (Mt 8,1-4) alude ao contexto da **cura de um leproso**. Diante do que já expomos, o contexto determina que os seguidores de Jesus poderiam curar e o fizeram, tal qual exemplificamos (Jo 14,12). Acerca do contexto de (Mt 28,9-10) diz, em seu contexto **da aparição às santas mulheres** que certamente existem evidências à saciedade de aparição de espíritos a amigos e familiares a contento. Já sobre o contexto de (Mt 28,16-20) que trata do tema da **aparição de Jesus na Galileia e a missão universal**, onde entendemos que se trata do mesmo episódio anterior que é a tangibilidade espiritual de Jesus, ante seus seguidores, completamente comum aos dias de hoje. Por fim, cita o pastor do contexto de (Hb 1,5-14) que trata do tema específico do **Filho**, abordando a consumação da missão do Cristo e sua entronização no reino celeste a presidir o orbe terrestre, diante de sua primogenitura. Contudo, neste contexto observamos que a assertiva de adoração é restrita aos anjos e não aos homens como sugeriu o pastor em passagens anteriores? Temos aí um contrassenso em suas citações, o que o coloca novamente em contradição com (Jo 14,12) em que Jesus é enfático em afirmar que podemos fazer o que ele fez e muito mais. Ademais, esta é uma posição do autor da epístola aos Hebreus e não uma citação direta do Mestre que ele deveria ser adorado pelos anjos e homens, sendo que neste último caso, não obtemos nenhuma referência direta de Jesus.

No encerramento deste capítulo, foram apontadas diversas incoerências do pastor no trato com a Codificação de Kardec e citações isoladas das Escrituras, onde o ele tentou desqualificar a Doutrina Espírita, diante de raciocínios falhos e conceitos

puramente pessoais, sem o amparo do contexto bíblico, da exegese e da boa hermenêutica. Fica assim, reduzido a cinzas os ataques do pastor para com o Espiritismo.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.